

À volta do Charco

Prólogo por Susana
Soares Pinto 1

Conversa com Mineiro
Agostinho e Susana 4

Everything is below
de Carme Nogueira 13

*A extração de materiais
de formação milenar para os
colocar à disposição do mundo
de hoje gera desequilíbrios*



*geo-químicos que libertam
espíritos alojados no seu
interior e que afetam os
espíritos da água, do ar 🦋,
do bosque, do solo.*

2 Em 2013 desenvolvi um trabalho a partir da visita guiada por um antigo mineiro, o Agostinho, às Minas de carvão do Pejão. Este, resultou numa conversa manuscrita junto com algumas imagens do lugar e num objeto livro com fotografias noturnas a preto e branco. A vontade de fazer fotografias à noite provavelmente reflete a minha ideia de que os fantasmas são visíveis à noite. Reconheço que foi uma experiência mista, entre a satisfação que a experimentação me dá e o medo de que na escuridão daqueles túneis algo inesperado surgisse. Não havia luz em toda a extensão do lugar, e os enquadramentos fotográficos analógicos foram feitos à maneira



das toupeiras. Em 2017 houve um grande incêndio e voltei para sentir a transformação de um lugar que conheci como preto pela escuridão da noite e que se tornou preto pela cor e pelo cheiro das queimaduras. Captei imagens em movimento enquanto pude, pois a agonia de presenciar um lugar em tal estado, cria mal estar.

Fica o meu agradecimento à comunidade local, com especial carinho pela dedicação e abertura para a experimentação:

ao Hugo Rodrigues, primeira pessoa local que conheci com vasto conhecimento histórico e que intitulei de guardião, assim como ao Raul Silva que quase todos os dias passa no charco a caminho da lagoa e observa com registos os seres vivos que o habitam; ao António Patrão, que encontrei mais tarde, mas que permitiu uma aproximação aos fósseis da coleção que foi construindo nas saídas de campo de domingo; ao Armando Faria que dinamizou a reunião da comunidade local; à Liliana Vieira pela facilitação de meios assim como a Joaquim Martins;

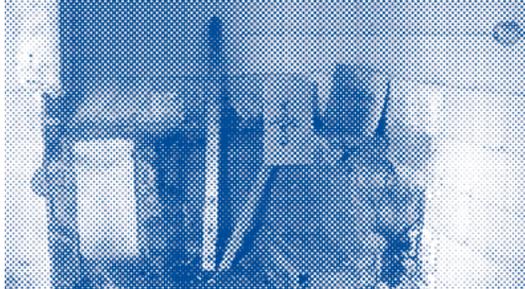
No caminho de regresso encontrei uma fábrica de carvão na berma da estrada. Nunca tinha visto como se fazia o carvão vegetal. Mais uma vez, a cor preta, o cheiro a queimado e o fumo. Muito fumo. Novamente, lugar ideal para os fantasmas. Voltei em 2021 inserida num projeto com investigadores de diferentes áreas do saber com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre contaminação em antigas zonas mineiras. Contaminação do solo, da água, do ar, do bosque... elementos essenciais da qual nós, humanos e não humanos, dependemos.

Voltei ao lugar, não através do preto, da escuridão e da fantasmagoria, mas antes numa tentativa de ligar o solo, sofredor de décadas de extração, à comunidade local. Uma espécie de voltar às origens, um olhar de quem respeita os direitos da natureza em vez de um olhar de quem explora o solo assumindo-o como um recurso. Esta publicação conta-nos experiências, encontros, conversas que se desenvolveram à volta do charco, não apenas com a comunidade local mas com diferentes entidades que me acompanharam no processo.

E para tornar possível a partilha de diferentes olhares, queria agradecer a quatro mulheres:

à Carme Nogueira pela bela colagem de vozes tão distintas que reverberam a vivência numa outra mina no norte de Espanha; à Helena Ribeiro e à Ilda Abreu pela aproximação mais científica feita através da recolha de pólen das espécies à volta do charco e das belas imagens; e à Holga Mendez pela honestidade e poética do seu ensaio que nos aproximou ainda mais, pois descobrimos que partilhamos interesses comuns: espécies e retorno.





[S]

Aqui devia ser o quarto?

[A]

Sim, é o quarto.

[S]

Ainda tem tomadas?!

[A]

Tem. E aqui era o quarto de banho que também está todo que é uma miséria, está todo partido. Ali era a garagem da ambulância... Quando era preciso levar um morto, que morresse aqui ou ficasse ferido...



[S]

O quê, aquele portão cinzento?
Passou por muitas mortes, aqui?

[A]

Sim, as últimas foram três de uma vez... Ficaram subterrados e eu ajudei a desenterrá-los. Ainda salvei alguns, salvei um que se chamava o Mota e outro o Trigueiro. Infelizmente ainda fui buscar um indivíduo, que era o encarregado, fui sozinho e ele já vinha morto.

[S]

Qual era o seu trabalho?

[A]

Era cortar carvão com o picador.

[S]

Então estava mais cá fora?

[A]

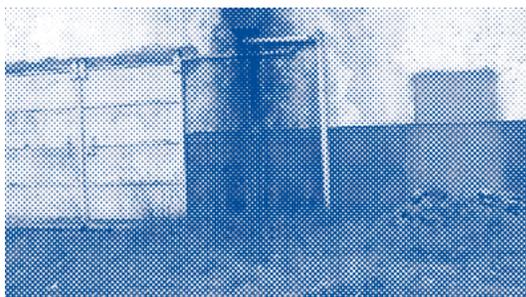
Não, estava lá dentro a cortar o carvão para depois ser extraído pelas vagonetas. Eu era mineiro de primeira, trabalhava na frente. Depois vem o pinche que é o indivíduo que está a ajudar aquele que está a escouçar, um escouça e o outro puxa para baixo, para o caleiro. O caleiro era de inox e era por onde vinha o carvão que caía nas vagonas, num sítio que lhe chamavam a tolba. Eu trabalhei tanto aqui que até sou um doente profissional. Sou um doente profissional dos pulmões, eu tive silicose.

[S]

Mas sente falta de ar?

[A]

Tenho, tenho, às vezes estou na cama de noite e levanto-me para vir respirar à janela, apanhar ar fresco. O que fica agarrado aos pulmões é sílica, um pó muito fininho, se for carvão ele sai todo mas quando é de pedra fica lá cravado... É o tal nevoeiro. Aqui era a carpintaria



[S]

Mas as vagonetas eram de ferro?

[A]

Eram de ferro e levavam 1200 quilos.

[S]

E as que iam por cabo aéreo eram diferentes?



[A]

Eram mais pequenas. Iam por aí abaixo atravessavam uma povoação, para o outro lado de Gondomar e iam para a Tapada do Outeiro onde se queimava para produzir electricidade. Aqui ganhava-se bem, mas era muito trabalhoso. Eu ganhava cento e noventa e nove contos e novecentos... Cento e noventa e nove não, noventa e nove e noventa, eram quase cem contos. Era quanto um mineiro de primeira ganhava.

[S]

Era o melhor ordenado?

[A]

Era, era. Não, tinha o mineiro especializado, que estava acima do de primeira e depois vinha o encarregado. Aqui é que era a verdadeira carpintaria, até tem as serras... O material está aqui quase todo.



[S]

Dá a ideia que desde que a mina fechou nunca mais lhe mexeram, não?



[A]

Não, nunca mais mexeram...

[S]

Isto foi vendido há pouco tempo?!

[A]

Não, já foi vendido há muito tempo. Eu já trabalho para ele, para o Amorim, há 11 anos...

[...]



[S]

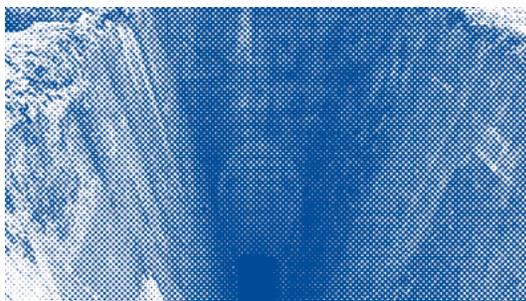
O que é esta construção?

[A]

Aqui era a messe e foi toda restaurada porque ele queria fazer turismo de habitação, mas a coisa está muito má...

[S]

Estes poços são engraçados...



[A]

São dos moinhos. O carvão descia nesses poços e entrava num tapete... Desse tapete caía noutro tapete para a galeria.

[S]

Podemos ir lá espreitar?



[A]

Podemos, podemos! A galeria ia até aquela torre que era onde estava o elevador antigo, que só ia até os 310 m; aquele acolá é que já vai aos 800. Nós entrávamos na galeria e íamos até aquela torre para a jaula tomar conta de nós. Entrávamos e descíamos um piso e entravam mais vinte, descíamos outro piso e entravam mais vinte, descíamos mais dois e entravam outros tantos, eram quatro pisos. Só depois é que fazia o transporte para baixo. Aqui era o ringue onde o pessoal se entretinha a jogar basquetebol e ali, que já está tudo destruído, era o balneário dos mineiros.

[S]

Quando saíam das minas vinham completamente negros?

[A]

Sim e vínhamos tomar banho aqui.

[S]

Quantas horas passavam lá em baixo? O turno era de quanto tempo?

[A]

Oito horas.

[S]

E a refeição?



[A]

Comíamos lá em baixo também; levávamos uma saqueta ao ombro... Os ricos eram os de cá de fora, que comiam na outra messe, era pré-fabricada que chegava daqui quase até àqueles eucaliptos... Eu ainda fui ali receber o prémio de melhor trabalhador do ano! Era uma placa em bronze gravada com o mineiro de pico na mão uma carga à cintura e uma pilha na cabeça. O prémio era essa placa e dez contos... O que me interessava era o dinheiro! Eu não tinha orgulho nenhum naquilo!...

[S]

Mas não tinha orgulho porquê? Não gostava do seu trabalho?



[A]

Eu gostava do trabalho que fazia, toda a gente gosta do trabalho que faz. [...] Mas receber o prémio não me interessava. Eu até disse ao Adriano para dar isso a outro que precisasse mais do que eu... A minha mulher trabalhava na fábrica, na Cerne, a fábrica de mobília. [...] Nós éramos tão pobrezinhos que o bar dos pobres era aqui! Nós vínhamos aqui, comíamos uma sandesita, bebíamos

7 uma cervejita na saída e íamos embora. À entrada às vezes bebíamos um finito mas não podíamos abusar porque havia balão! Aqui havia balão e tudo!

[S]

Então tinham que bufar no balão antes de entrar?!

[A]

Tínhamos! Eu uma vez cheguei aqui e tomei um fininho, meio bagacito e um cafézito... Nós vínhamos mais cedo que era para jogarmos cartas, para entreter... Quando dou por ela está um segurança sentado atrás de mim a ver televisão, e eu disse para mim: "Já estou no balão! De certezinha..." Fui para baixo comecei a equipar-me, pus o capacete a pilha à cintura, galochas e tudo e ouço a chamarem-me para ir ao balão... "Ai eu vou ao balão? Para quê?" "Tens que vir é a tua vez!" E não era nada, mas eu fui. Cheguei à beira do técnico Delfim Costa e ele disse-me que hoje eu tinha que ir embora.

[S]

Embora, porquê?

[A]

"Porque o senhor vai acusar álcool no sangue... Foi visto a beber...". "Mas isso é normal, não é grave, e o senhor pensa que me vai caçar mas não caça! Eu vou bufar e o senhor vai ver aí, zero, zero, zero...". Eu bufo e confirmam-se os zeros... Ele pede para bufar outra vez, eu bufo e dá outra vez tudo a zeros... Eu pergunto, "Como é Sr. Costa?" Ele diz-me: "Vá-se lá embora, o Sr. tem um fígado que é uma maravilha." Eles faziam tudo por tudo para nos caçar... Havia aqui um indivíduo que todos os dias que bufava ia embora. Esse mesmo sem beber acusava álcool. A entrada para a mina é aqui! Podemos ir até aos poços porque até aí ainda há luz... Aqui são os carris das vagonetas, e nestas pedras passava o tapete que descarregava o carvão até lá fora... Pode caminhar à vontade, venha sempre pelo meio da linha... Eu passei aqui milhares de vezes!

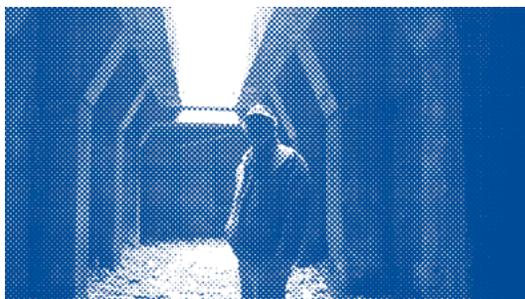


[S]

Era a sua entrada diária?!

[A]

Sim, todos os dias. Está a ver os tais poços? Os que vimos lá de cima? A gatonagem ainda não sabe que estes cabos estão aqui... Isto tem cobre... Eu já disse ao doutor para tirá-los, ele tem centenas de metros de cabo aqui dentro...



[ouvem-se corvos]

Para irmos à capela precisávamos de uma luz!

[S]

Espere aí que eu tenho uma luz!

[A]

O que todos querem ver é a capelinha... Eu também tenho aqui no telemóvel, caramba!

[S]

Vou apontar a luz para o chão, é melhor não é?

[A]

Vê-se muito mal. Estes fios não têm electricidade, pode vir à vontade. A capela de Santa Bárbara era aqui, está a ver?

[S]

Era a vossa protectora?

[A]

Sim, era. Mas agora está tudo desactivado, se aqui ficassem os ladrões levavam as peças todas... Era a Sta. Bárbara e outros santinhos que foram guardadas para irem para o museu. São para o museu, mas ainda não está construído. Isto é tudo feito em pedrinha...

[S]

Quando começaram a funcionar estas minas?

[A]

Isso não lhe sei dizer... Mas tem muito tempo, mais de cem anos... Já trabalhou aqui o meu falecido pai... Se fôssemos por aqui fora íamos dar à torre, passávamos por baixo da casa branca que está ao lado da piscina... Aqui tem vigas de ferro e madeira!

[a água pinga gota-a-gota]

[S]

O museu devia ser aqui mesmo, não acha?

[A]

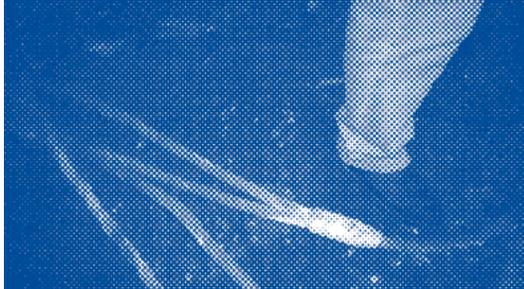
Era, electrificava-se tudo... Por aqui vamos dar ao poço velho, o de 300 m, esta mina aqui vai dar à escadaria lá de fora... Quer ir mais adiante ou vamos para trás?

[S]

Podemos ir mais um bocadinho!

[A]

É preciso ter cuidado onde põe os pés! Aqui estava tudo electrificado, podia-se andar à vontade, mas a gatunagem veio aí e levou tudo, mas já não foi no meu tempo!!! Estes eram os cabos da jaula... O poço é aqui, mas está tapado... Cuidado, não se aproxime mais, pode cair algum ferro. Quando íamos nesta jaula íamos cheios de medo!



[S]

Medo porquê, não era segura?

[A]

Não! Uma vez o cabo partiu e a jaula caiu, mas não levava pessoa nenhuma.

[S]

Depois disso ficaram com medo?

[A]

Pois! Aqui o poço tinha trezentos e tal metros, o da torre é que tinha oitocentos metros.

[S]

Podemos ir...

[A]

Vamos! Olhe, ainda tem aqui uma luva de um trabalhador...

[S]

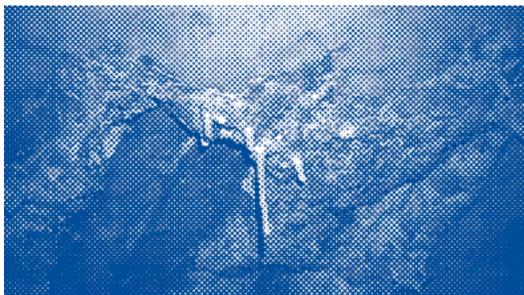
Duas! Vocês trabalhavam com estas luvas?

[A]

Os que trabalhavam aqui fora sim, nós não!

[S]

O que é isto branco?



[A]

Isso cai de cima, são estalactites.

[S]

São calcárias? Olhe está cheio delas...

[água continua a cair gota-a-gota]

[S]

Não há morcegos?

[A]

Não tenho visto nenhuns por aqui.

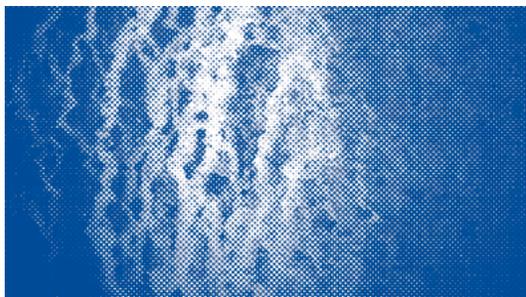
[S]

Já tem rede?

[A]

Ainda não!

[continuamos a andar...]



[S]

A água é castanha... É férrea. Espere lá que eu quero apanhar isto, parece uma pintura...

[A]

Isso é bonito!

[água continua a cair gota-a-gota]

[A]

Ia pondo os pés aqui, isto é lama! Temos que vir cá outra vez e trazer mais luz... Eu tenho lá umas lanternas fortes....

[S]

O que é isto ? Parece salitre... É cal, é muito macio.



[A]

Aí é crosta de carvão!

[S]

E o senhor não tem carvão em casa?

[A]

Não, não tenho.

[S]

Nem quer ver mais carvão!?

[A]

Não, não tenho problema nenhum. Eu tinha lá umas pedras que valiam umas centenas, eram lindas, grandes e tinham fetas (são uns fósseis). A maior tinha uma centopeia marcada, era muito antiga, do tempo do dilúvio, mas eu dei-a a um colega meu. Por acaso esse colega meu já faleceu, vivia em França e um dia que cá veio e viu a pedra disse-me, "tens que me dar isto!". E eu disse "Oh pá, pega nelas e leva-as...". "Mas quanto é ?". "Não é nada!". E depois todos os anos, quando cá vinha trazia-me uma garrafa de whisky e champanhe... Infelizmente morreu com um cancro na cabeça. Foi mandado para Portugal, porque já não tinha hipótese, melhorou, mas foram as melhoras da morte! Tinha-se reformado um mês antes... Coitado, nem a reforma conseguiu gozar!

[S]

Ficou a família a gozá-la!?

[A]

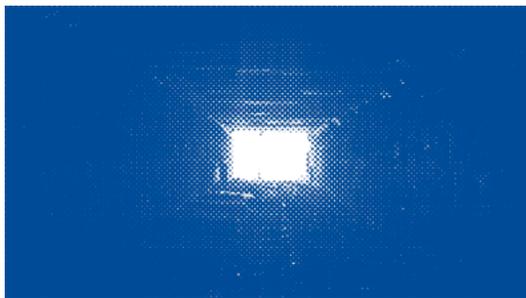
Sim, ficou a família. Ele teve cinco mil e tal euros de reforma...

[S]

Pois, lá em França os ordenados são muito mais altos. Em que é que ele trabalhava?

[A]

Era encarregado de uma fábrica.



[continuávamos em direcção à saída]

[A]

À beira de minha casa estão duas figueiras, de figos 'pingo de mel' e quando ele cá vinha consolava-se com os meus figos...

[S]

Diga-me uma coisa, os resíduos do carvão para onde é que iam?

[A]

Eram deitados numa entulheira na serrinha. Agora fizeram um aeródromo por cima da entulheira...



[S]

Aqui o que era?

[A]

Era para a areia... secava a areia. Era a seca da areia, que era para pôr nas rodas dos tractores que transportavam o material, as vagonetas... porque os tractores apanhavam humidade e patinavam e a areia era colocada por cima dos carris para as rodas se agarrarem... esse pó é que fazia mal! Ficava uma nevoeirada! Aqui tinha tudo. Tinha o Pejão atlético clube, tinha cinema...



[S]

E quantas sessões havia por semana?

[A]

Era uma ou duas. Era uma maravilha, víamos filmes de cowboys, policiais,... Ha,ha,ha!

[S]

Vocês gostavam mais de estar aqui dentro do que fora!?

[A]

Era, era...

[S]

Porque aqui à volta não havia nada, pois não?

[A]

Não! E aqui ganhava-se muito dinheiro... 99.990 para um mineiro de primeira, em 1994, era muito

11 dinheiro! Agora, deveríamos receber 1000 euros. Aqui era a capitazia... A gente avança, não avança?

[S]

Sim!

[A]

Foram os escuteiros que amarraram isto... Estiveram aqui para aí 100 escuteiros.

[S]

A fazer acampamento?

[A]

Sim, tiveram aí quase um mês.

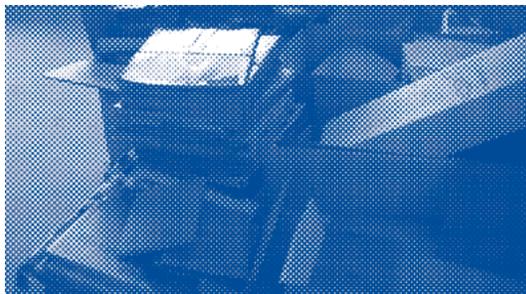


Há pessoas que vêm aqui e pedem para levar um livrinho... Foi por isso que viemos aqui! E eu digo que pode! Vamos ver onde estavam os livros... São livros antigos.



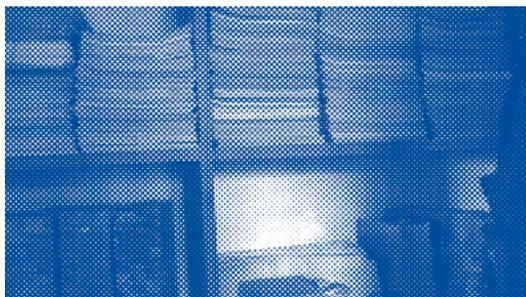
Aqui foi onde morreu um colega meu que foi transportado em braços, da entrada da galeria. As vagonetas apanharam-lhe a cabeça! Ele vergou-se para as desengatar e o trator puxou de repente sem querer. Antigamente as vagonetas apertavam uma contra a outra e ficavam juntas, mais tarde já tinham um cabeçalho. Ele foi transportado em braços dali para aqui, onde era o posto de socorros, e morreu aqui!

Aqui, tem muitos livros! Há uns tempos vieram cá umas professoras de Castelo de Paiva e pegaram em alguns livros para levar.



[S]

Tem aqui arquivos!? Isto é uma relíquia!



[A]

É, pois! Tem aqui livros antiquíssimos...

[desligo a máquina de filmar]

Também estão para vir cá as professoras do colégio de Paiva.

[ouvem-se galos a cantar]

[S]

Este lugar tem muitos recantos bons para fotografar.

[A]

Agora é que não temos tempo, mas pode voltar quando quiser, com mais tempo. Combinamos e eu venho consigo!

[caminhamos em direção à saída...]

[00:01:27:46]





Everything is below ⁽¹⁾



Looking for the remains of the mine workers housing

Everything is below is an attempt to relate the project “Laboratório F. A revolta das espécies autóctones” with a previous project “Castillete. Retablo Mineiro” that I did ten years ago, in 2012. In the meantime, some important changes in energetic politics and tourism industry happened.



Looking for the soil



Looking for the remains of the mine facilities

Peção coal mines,



Castelo de Paiva,
Portugal



Looking for the remains of the soil previous to the mine

It's all below. This is how I knew it when I was born, exactly like that. That's Peñacorada, that high crag where you get the aeroplane rhythm, that's Peñacorada.

There are some houses, if you noticed, some blocks of flats they did for the workers, to the right, and beneath those, and this is a fact, right, there's a thirty-metre coal seam, beneath the cement, there was, where the Ollerros church is, all that under there is coal. Well, it's obvious, when you see the edge of the road, which we still call the company road because before only lorries and miners went down it, you see the colour of the earth.

Were you on the flat bit? All that's coal.

Here were the maquis, too, they knocked around the mountains, like those in El Bierzo, and Calixto was here and... I dunno, there were ten or so of 'em. El Calixto, El Pistolas, El Falangista, the two Químicos, that other one... Ramón...

Not many people know this, 'cos here there're a lot of people from my time but who didn't have ancestors here... I started work when Asturias surrendered. After Asturias surrendered I was six years in jail and then I went to ask Corrales for work and he said, There's no coal for Reds, no work. And I said, Don't worry, old chap, if I go to Hulleras de Sabero, no sooner do I arrive then I'll get work, because there were some Asturian overseers here and they treated us people who'd been in prison quite well.

The whole relief shift went down at 8.30 and came up at 3.30 and the pit pony men, the one who wanted to earn an extra peseta or two because, if not, from a day's graft like those... we were earning, I dunno, 9 or 10 pesetas, meaning that we were living... I hardly knew my kids.

It was the same everywhere then, from the mine alone nothing and from farming alone nothing either. I'm talking about here in the valley, right. I'm not talking about anything else. 'Cos they were coming from as far away as Valdoré to work on the mountain, so those fellows, when they arrived at work, what an appetite for work they had!!!

You had to bring a lot of school desks up and down and on top of that we had cold water. At seven in the morning washing everything in cold water wasn't a load of fun... there weren't any gloves, either.

As it happens they were all young lads, as was my case, the materials involved were really bad then. I remember having a girlfriend and them coming to get me from the cinema in Sahelices because the lighting in the hut was failing, a stupid little thing, you can laugh about it, but that's how it was.

And walking there at seven of a morning, with me coming out my house 'cos I was also living in the final houses there on the way out to La Herrera, from there I ran into some right snowfalls and all. In all the village there weren't more than four lamps under the eaves and the light didn't stretch as far as the ground and you got to Ollerros and what you saw was light bulbs in the Sotillos pit, that was Hulleras, it was no longer the

town hall. Being as it was the pit which was working normal, there were a lot of people, 'cos there was always a path. But from there on up, blimey!

The young people of today hear what people lived through in the civil war and they don't give a monkey's.

Because this company was keeping a load of families, eh!

It was a dangerous mine due to the firedamp, which is the wind that smells bad from what the coal gives off, for that reason they took lamps. Another thing is the safety the company was proposing.

And afterwards there was no longer silicosis, plus they obliged you to wear a mask.

Here the good thing we always had was good management.

Right, let's start... we were still having a bad time of it then. Afterwards, the agreements between bosses and workers started up and things started being different.

In Colominas they were houses with two rooms, three, four, there were very big families and I was a little girl when they began to make them and there was a bathroom, a good shower, shower with toilet and all that, but those in La Herrera had no more than a toilet and washbasin.

They were houses with three rooms, small but they were fine, a bathroom, a toilet and the kitchen. The kitchen was big, that was it.

And the houses were detached.

And where I was we had nothing, so I was landlady in the big house.

You had to be married, because if they gave it to the single men, madre mía!!! But you had to get married and then you got it.

When my father died they took the house away from my mother, that's how it was.

School... they were in the houses in Colominas, the fourth year, the fifth year... each house was a year. And in Sabero there was another one. Afterwards all those houses got sold.

There was everything here. Sahelices got to have a thousand inhabitants. I remember in the late '50s or 1960 there was a load of people here and it was when the emigration started to France and Germany and this remained half empty, only those of us who were from here stayed, the other people, they all went off, so then they had to go and look for people. I dunno, in Galicia, I dunno in what places, for people to come and work in the mines because there weren't any.

What I don't remember is what year it was, I don't rightly remember the year, round about '78, '79, '80 other nationalities began coming, Moroccans, as I was telling you, Pakistanis. It was as a result of the crisis of '73, '74, the oil crisis, the world crisis, they sent us to earn, and us, we came here... trying to earn a crust.

And there was no room for people, not even standing up. Well, they were living in cubby-holes, in cubby-holes people were living.

And it was like that then, there was the lodging, you had a bed, food and everything.

Normally when you were single, like, then you went there.

There was where there was all the ruckus, because you found all kinds of houses and the best of each sort, as I put it. And then a few of us were looking not for boarding houses, but private houses. There were private houses that took you in, you paid them by the month and they washed your clothes and you had a bed, food and everything.

One problem, which isn't a problem, is that you have to learn very fast in the country that you leave if it isn't your thing.

But it's a village that accepted people from outside, there wasn't racism or anything, you all got on, what happens is the Andalusians are very religious, for example, but in their own way, with other customs. There were Basques. I reckon where we were living in La Herrera, if there were twenty Andalusians, there were eighty Basques.

Later on, Moroccans, Portuguese, Cape Verdeans, all sorts of people. Most were Portuguese, I think, quite a lot more came.

At the time it was more... neighbours used to give each other a hand more than now, for instance.

There was never a problem, what there was here was a lot of aggro between rival colleagues. In Ollerros Sunday wasn't Sunday unless there was a punch up. That's right... because people got more drunk then than they do now.

And we had a bar here when the mine was working, this was another mine.

And we were living off those who were working, don't you know?

Because then the engineer was the son of another engineer or of a capitalist or of a major wholesaler or of the master of the mines, like... there wasn't a foreman, there was nothing of the class of miner and yet here after Sabero there were at least four [foremen].

And so what do you want to know?

And so it was... clear, I reckon the company invested a lot then, after was when the government came up with that stuff about subsidizing the coal industry, 10,500 pesetas per unmined ton.

Sabero was a modern mine, it was number two or three in Europe in terms of safety and work.

This mine was ultimately like a health resort.

They got out a lot of coal there, it's a very big valley. First they closed that, afterwards they closed Sucesiva, afterwards La Herrera, and lastly Sotillos.

And then they prepare the disputes of always, whether it's closing, whether it's not. He says, And the money to be shared out? That's the last thing that's negotiated! All in agreement.

The first thing they do, the lists of what each person was due.

They'd kept eliminating people, the company, with early retirement for the older people. The people who were going to cause trouble, they kept giving early retirement to. Then a very young bunch remained, the one who's been there longest then was maybe twenty years, between fifteen, twenty, twenty-something, and the majority, well, five years, between five and ten. To a person who'd been working five years in the company who is twenty-something years old, thirty, they offer five million pesetas at the time... they were offering you money, and work in a year or two... and of course everybody grabbed it.

And so they do the voting, but the signing was already done. And they wanted the workers to carry the can. This is why there're a lot of people nowadays who say the workers closed the company down.

I think that among us workers we have to have a richer mentality of saying that if you're united you have more chance to get something, if you're disunited, no. Why was it like that here? Don't ask me.

And before those years people fought hard. According to what they tell us, and you talk to the old people, they say that people were working from dawn to dusk and all that, and at that time they fought for more controlled and improved shifts and it cost a lot of strikes, even, but then later when we got to the '80s all that was practically built, it was a matter of maintaining it, but it's just that we reached a point...

I see the young people more healthy nowadays.

I see the young people very healthy, but without a future.

The sixth level and the seventh hadn't been mined yet, a little bit maybe, but next to nothing, there was a lot still there.

I was there when they began doing the entrance of the eighth level... and that's the way it stayed.

But sure, they had to close this one or Santa Lucía, because they belonged to the same company, so they closed this.

And so now if we'll have to go back again to coal because the coal-fired power stations do pollute, but they work out cheaper than those windmills.

A lot of people left for the Ponferrada area, for El Bierzo.

This is a valley that was always the main provider of the workforce...

What put food on the table—coal and 'nowt else

Here, now, we live in a desert because this was highly populated when the mine was working, but now... there'll be around 3,000 of us, I dunno if there'll be that many

What happens is that in summer a lot of people have bought houses for next to nothing... for a month's wages

Practically every day a coach pulls up in Sabero... to see the museum... a summer village is what we've become

People come, see everything and leave, they don't spend a thing

What did you feel when it closed?

Well, relief.

Relief?

Relief.

On the one hand, relief

because the last few years that you were between today it's closing, tomorrow it's closing and all... it was very uncomfortable, working.

I never wanted to move from here.

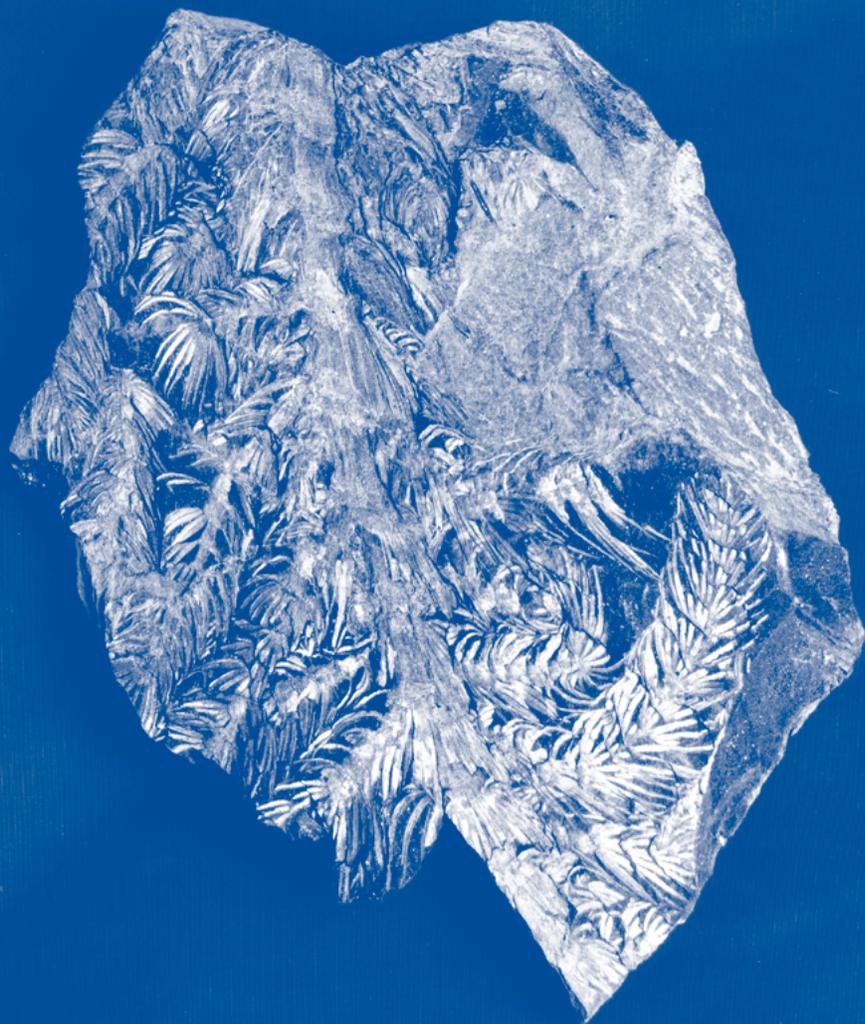
(2)

(1)

Based on an advertisement of the “Empresa Carbonífera do Douro” (Douro Coal Company), that owned the Pejão coal mines and a railway from the mines to the docks on the Douro River.

(2)

This collage is part of the project “Castillete. Retablo minero”. It is made by different voices that were heard in Sabero, Spain (site of the country’s first 19th-century iron and steel mining industry) during the research of the artistic project. Each cut in the collage corresponds to one different person’s memory. This text is converted into audio as part of the installation. By doing that, the marks among the different voices are erased, converting the choral stories into one voice story. The collage is a way to show how montage is behind history.



À Volta do Charco
de Susana Soares Pinto

Autoras

Carne Nogueira formada pela Universidade de Salamanca e doutorada pela Universidade de Vigo da qual foi professora associada e pesquisadora, e bolsreira da Universidade das Artes de Berlim. Na sua trajetória artística trabalhou principalmente sobre os processos de subjetivação e da função normalizadora dos espaços através de processos de investigação artística. Com dispositivos espaciais específicos e acções para o espaço público, tenta ativar os espectadores ou colaboradores nos projetos. Através destas práticas tenta promover e provocar narrativas.

Helena Ribeiro é professora auxiliar do Departamento de Geociências, Ambiente e Ordenamento do Território da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e Investigadora do Instituto de Ciências da Terra. O seu interesses de investigação centra-se na qualidade do ar, particularmente no estudo dos Bioaerossóis e suas aplicações.

Holga Méndez é Doutora em Belas Artes pela Universidade de Vigo, professora e investigadora da Universidad de Zaragoza e, actualmente, investigadora externa no Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade (i2ADS) na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. A sua investigação e prática artística vão desde a instalação à arte em contexto, questiona as distâncias e os limites como espaços abertos e elásticos, desenhando uma geografia sensível para repensar e reactivar relações e trocas, onde a cultura e o cultivo inventam uma cartografia poética.

Ilda Abreu é professora associada aposentada do Departamento de Biologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e Investigadora do Instituto de Ciências da Terra. A sua área de investigação é a Palinologia, onde se tem dedicado ao estudo da morfologia, fertilidade e alergenicidade dos grãos de pólen.

Susana Soares Pinto formada e doutorada pela Universidade de Belas Artes do Porto e investigadora no Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade (i2ADS) na mesma Universidade. A sua prática artística tem vindo a desenvolver-se entre margens: da arte ao extrativismo. Cria instalações imersivas recorrendo ao vídeo, som e desenho com colaborações de outros artistas. Ultimamente tem realizado trabalho com comunidades envolvendo-as no processo de realização da obra.

i2ADS edições
i2ADS - Instituto de Investigação
em Artes, Design e Sociedade
Faculdade de Belas Artes
da Universidade do Porto
i2ads.up.pt

Design Editorial
Joana Lourencinho Carneiro

Impressão Diário do Porto
/ Forward II Consulting Lda

Tiragem 150

ISBN 978-989-9049-36-9

Depósito Legal 508994/22

Dezembro, 2022

Esta publicação foi desenvolvida no âmbito do projeto "Soil health surrounding former mining areas: characterization, risk analysis, and intervention" (NORTE-01-0145-FEDER-000056), cofinanciado pelo Programa Operacional Regional do Norte (NORTE 2020), através do Portugal 2020 e do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER).

i2ADS.

U.PORTO

FAVORABLE DE BELAS ARTES
UNIVERSIDADE DO PORTO

Cofinanciado por:

NORTE2020
PROGRAMA OPERACIONAL REGIONAL DO NORTE

PORTUGAL
2020



UNIAO EUROPEIA
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional



À volta do Charco

Laboratório F.
de Susana Soares Pinto 20

Pólen de Helena Ribeiro
e Ilda Abreu 28

Para Laboratório F.
de Holga Méndez 33

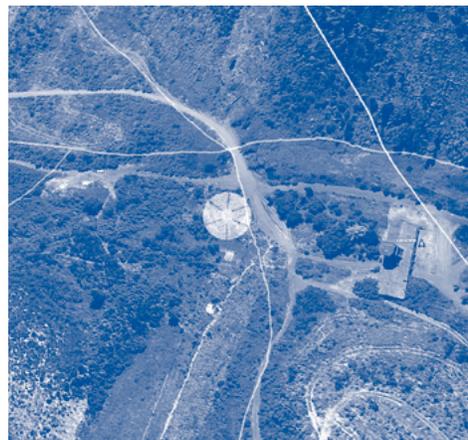
Como artista e investigadora centrada nas margens da arte e do extrativismo e após alguns anos a trabalhar dentro destas problemáticas, revejo-me como resistente, e manifesto essa resistência através da remediação, da conservação e da proteção.

Desenvolvi o mote A REVOLTA DAS ESPÉCIES AUTÓCTONES para dar início aos trabalhos. Trata-se de uma acção que precisa dos humanos, da fauna, da flora e da funga, como parceiros para a criação de um laboratório ficcional.



A minha abordagem enquanto artista plástica, neste projeto, reflete sobre questões ecológicas e politico-sociais. Está em curso desde 2021 em parceria com a comunidade local através de associações, a câmara municipal de Castelo de Paiva, o ICNF (instituto de conservação da natureza e floresta) e o CENASEF (centro nacional de sementes florestais de Portugal).

Inserida numa investigação mais abrangente com o título SHS (soil, health and surrounding) formada por um grupo multidisciplinar da UP (Universidade do Porto), investigamos a partir do solo de três antigas zonas mineiras e da sua envolvente histórica, social e ecológica.



Porquê Laboratório? Os laboratórios criam esperança pois oferecem espaços para colaborar, experimentar e criar de uma forma coletiva, projetos que melhoram a vida em comum. Este lugar pretende ser um lugar de encontro e diálogos entre espécies.

Onde? Na antiga zona mineira do Fojo situada no vale em Folgoso, freguesia de Raiva, concelho Castelo de Paiva. Neste lugar, antes da mineração, a atividade comum era a agricultura e a pastorícia, mas a uma cota muito inferior. O solo que encontramos, no presente, é uma acumulação em camadas dos excedentes/escória da extração de carvão e vestígios de matéria do grande incêndio de 2017. A extração de carvão e o incêndio transformaram a topografia deste lugar. Podemos encontrar carvão vegetal e mineral.

Formado por várias explorações de carvão (Pejão, Fojo e Germunde), este couro mineiro iniciou a sua atividade em 1859. As extracções integravam-se na bacia carbonífera do Douro, com rochas da idade Paleozoica do período Carbonífero (há 350 milhões de anos atrás). A atividade cessou em 1994 pois o carvão extraído era de fraca qualidade e já havia diretivas de Bruxelas para se irem fechando as minas que extraíam carvão de qualidade inferior. Das estruturas que apoiavam os trabalhos da mineração na mina do Fojo, restam o Cavalete (ou torre de extração, construída em 1952 em betão armado, para elevar do subsolo as “jaulas” de carvão e de humanos/mineiros) e um túnel subterrâneo com quase 500 m.

Relativamente à paisagem podemos verificar que a vegetação em redor é monocultural, é um eucaliptal. Perante



estes dados e a possível contaminação do solo devido à atividade mineira, comecei por pensar na intervenção que iria fazer. A primeira aproximação foi feita através do estudo de como reparar ou remediar os solos: dar remédio, impedir, evitar, socorrer, auxiliar, prover do que é indispensável, corrigir, consertar, reparar.

Mas o que quer a comunidade para este lugar? Que memórias querem preservar? E se a mina for reativada? Estão preocupados com a qualidade do solo, da água e do ar? Voltemos ao verbo remediar: corrigir, reparar ou remover algo indesejado, restaurar para um estado natural ou adequado. Mas adequado a quem ou a quê?

Se quisesse contar a história do Pejão poderia contá-la como a de progresso e desenvolvimento tecnológico com benefícios desproporcionais para os centros urbanos, ou como uma história de conflito, de injustiça social, de degradação ambiental e de perspectivas de emprego instáveis. Mas não são as histórias que vos quero contar mas antes as dúvidas e incertezas que fui levantando durante o processo de desenvolvimento dos trabalhos.

O que são espécies autóctones ou nativas? São espécies da flora, fauna e funga originários do próprio território, de Portugal.



Gostava de partilhar convosco esta curiosidade que me deixou boquiaberta. Com os descobrimentos e a construção das naus, abateram-se muitas árvores: para a construção de uma nau eram necessárias 2000 a 4000 árvores (carvalhos). Para o Brasil construíram-se 500, para a Índia 800 e para Ceuta 300. Esta desflorestação do país afetou profundamente a biodiversidade das plantas, animais e fungos.

O pinheiro bravo foi semeado com grande profusão particularmente durante a política de arborização do Estado Novo.

A partir de meados do século XX, os pinhais têm vindo a ser substituídos por eucaliptais que servem os interesses das celuloses na produção de pasta de papel. Nas últimas décadas a explosão das plantações de eucaliptos fizeram de Portugal a maior área de eucaliptal contínuo da Europa. Esta espécie de raízes muito profundas é plantada em zonas com muita água ou na costa litoral para travar os riscos de erosão provocados pelo mar. Mas em Portugal o objetivo é outro.



No Outono recolhi alguns cogumelos, identifiquei-os e fiz o registo através de esporadas. Disseram-me que há quem os apanhe para comer e a esses chamam-lhe tortulhos.

Na zona que circunda o cavalete existe diversidade, em quantidade muito reduzida, de flora: o medronheiro, o salgueiro, o carvalho, o sobreiro, o salgueiro o azevinho, o cedro, a giesta, o trevo branco, a olaia, o lingustro, a brunéla, a mimosa, o plátano e o plátano bastardo, a erva tintureira, e outras a estudar na primavera.

Quanto à fauna, a comunidade informou-nos da existência de texugo, cágado, milhares de rãs que vivem na saída da “mina 0” (mina de água), cobra rateira, salamandra, furão, cobra de água, víbora, raposa, licranço, codorniz, perdiz, ferreirinho, pica-pau, melro, gaio, águia, cão vadio, mocho, bufo real, e ouriço caxeiro.



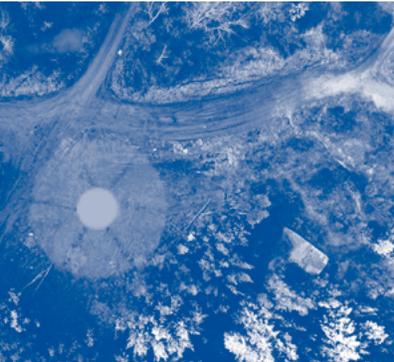
O jardineiro local, António Patrão, é um colecionador de fósseis. Todos os domingos faz uma saída de campo e procura-os nos afloramentos, nas rochas que vêm à superfície. Estes afloramentos encontram-se em zonas de periferia e não estão no território dos inertes da mineração. António, junto com a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, criaram uma exposição itinerante com o título A Floresta Tropical do Pejão de há 300 milhões de anos. Os fósseis que aparecem a pontuar esta publicação, não fazem parte dessa exposição e foram fotografados no terreno do António, à beira da horta, que serve para consumo próprio, e do viveiro de espécies semeados para a prática da jardinagem. No entanto, todos os fósseis a que faço referência são provenientes da região do Couto Mineiro do Pejão.

Em silêncio e a sós, fiz um pedido de permissão para remediar aquela porção de solo (20 m²). Expliquei-lhe que, segundo os meus conhecimentos, poderíamos tentar restaurar a área. Em simultâneo, estou a recuperar um terreno que serviu a agricultura intensiva, com plantações de árvores e arbustos e sementeira de herbácias. Também cavei um charco, e este serviu de experimento para a intervenção no Pejão. Com o apoio da câmara municipal, de voluntários das associações locais e dos guardiões realizamos o primeiro estudo sobre o lugar a implementar o laboratório ficcional: analisamos a exposição solar e o acesso à água para irrigação. Depois de escolhido o lugar, passamos à sua demarcação e à observação das espécies. É importante mencionar que o Cavalete do Fojo é uma estrutura industrial em ruína que virá a ser, no futuro, o museu das minas do Fojo.

Aniel
DjalóAntónio
PatrãoArmando
FariaCarlos
GonçalvesCidália
RochaGabriel
NoronhaGustavo,
Rúben, DavidHilário
FariaHugo
RodriguesInês
FariaInês
RochaJacinto
MoreiraJoaquim
MartinsLiliana
VieiraManuel
VinagreMaria
PradaPaulo
MartinsRaul Silva
AndradeRui
GomesSamuel
VilhenaSandra
CunhaSusana
VilhenaTomás
GomesVitor
Gomes

Rapidamente percebemos que a *Acacia dealbata*, n.c. mimosa, reinava. Esta espécie invasora deverá ser retirada do solo com raiz ou, quando o tempo assim o permite, secá-la usando a técnica da descascagem. Como não temos disponíveis seis meses de espera, optamos por retirá-las com raiz. O guardião Hugo Rodrigues (HR) fez, por iniciativa própria, o descasque de uma mimosa nas imediações para contabilizarmos o tempo de espera desta técnica. Poderá ser usada se houver intenções futuras para a eliminar noutras áreas.

Arrancamos as mimosas e deixamos dois cedros, um salgueiro, um medronheiro e dois sobreiros que emergiram ao nosso olhar durante a limpeza.



Com a colaboração da junta de freguesia foi aberto um círculo com 8 m de diâmetro e 60 cm de profundidade máxima, no centro da área de intervenção, para a criação de um charco. Esta zona de água pretende, no futuro, ser o habitat de diferentes espécies de invertebrados, insectos, plantas aquáticas e tantos outros seres invisíveis a olho nu.

Abriu-se uma ranhura no solo para inserir a tubagem que conduz a água de mina até ao charco. Já temos água para encher o charco e para futuras regas!



Depois de uma primeira tentativa falhada - a tela foi perfurada com as arestas de pedras de xisto e deixou vaziar a água - colocou-se no fundo da superfície, uma camada de saibro para alisar o solo e evitar novos cortes na tela. Adicionamos uma primeira camada de lona geotêxtil, de seguida a lona plástica e por último tela geotêxtil novamente. Abriu-se a torneira da água e rapidamente formou-se um espelho. Este espelho surpreendeu-nos! A torre do cavalete espelhou-se de forma invertida. Esta imagem brindou-nos com a possibilidade de novas percepções do lugar. Podemos dizer que a torre refletida e invertida nos aponta para um novo espaço. Para além de um espaço concreto, o da água e vida que ali irá habitar, encaminha-nos também para um espaço fantasmagórico que carrega não só a história das minas mas também do subterrâneo que não é visível.



25 Primeira acção de plantio:

ÁRVORES



De acordo com o plano idealizado iríamos plantar, numa primeira fase, 45 árvores muito jovens para que as suas raízes cresçam saudáveis. Estas espécies autóctones foram cedidas pelo ICNF e as excedentes fazem parte do viveiro do Laboratório Ficcional. Para encontrarmos os voluntários mais adequados foi lançado o convite às associações, aos membros envolvidos no projeto e aos investigadores do SHS. Criou-se um certificado de custódia – à semelhança de Agnes Denes – com o nome da/o voluntária/o e o número da árvore a plantar para que ela/e crie uma ligação com a árvore. Através deste certificado pedimos-lhe que preserve a árvore durante os próximos 100 anos. Estas pessoas serão reconhecidas como conservadores do Laboratório F. e membros de um grupo aberto.

Previamente foram desenvolvidas etiquetas para serem colocadas nas árvores utilizando um processo de reciclagem de latas de refrigerante: com a inscrição do nome do conservador/a e o número correspondente. Também numa acção de aproveitamento de excedentes, as mimosas arrancadas da área de intervenção foram trituradas com uma máquina adequada para servir como cobertura de solo.

Listagem das espécies plantadas: *Alnus glutinosa*, n.c. amieiro;

Arbutus unedo, n.c. medronheiro;

Betula pubescens, n.c. bétula; *Crataegus monogyna*, n.c. pilriteiro;

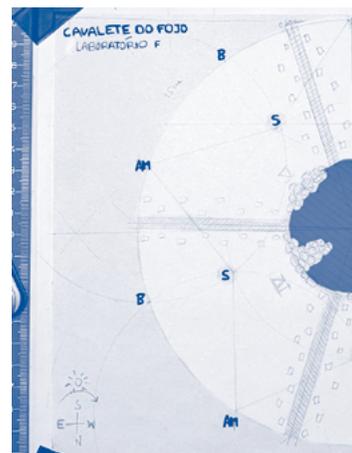
Laurus nobilis, n.c. loureiro;

Ilex aquifolium, n.c. azevinho;

Malus sylvestris, n.c. macieira-brava;

Pyrus communis, n.c. pereira-brava;

Quercus super, n.c. sobreiro.

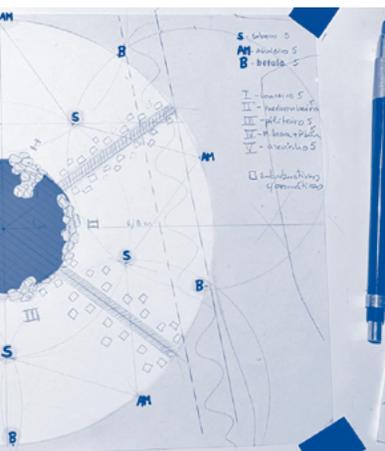


26 Segunda acção de plantio:
 ARBUSTOS, SEMI-ARBUSTOS e HERBÁCEAS

Para esta fase de plantio, consultei o CENASEF e a Sweet Green, produtora local de espécies autóctones. Em conjunto decidimos quais as espécies mais adequadas às condições locais, e mais tarde, definimos o seu posicionamento no plano.



O quadro que se encontra na imagem serviu de orientação para que os restauradores ecológicos voluntários, divididos em cinco grupos, tentassem aproximar o lugar de plantio com a espécie adequada – zonas húmidas ou secas, de sombra ou sol, de vento ou calmaria. Levamos uma ficha com as características de cada espécie para estimular o conhecimento sobre os benefícios para o solo e para os seres vivos que ali habitam ou irão habitar. Convidamos a Sweet Green para transmitir esse conhecimento durante o tempo da plantação. Gerou-se uma relação mais intimista entre solo, humanos e flora.



No final foram servidas três infusões de ervas aromáticas.



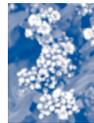


Quando ouvimos os termos pólen ou grão de pólen, rapidamente associamos a algo que é produzido pelas flores e que as abelhas procuram. Mas, lembrando as aulas de ciências naturais, o pólen é a célula reprodutora masculina das plantas com semente.

O seu nome tem origem no latim e significa pó muito fino, que podemos observar, por exemplo, anualmente em março durante a época de floração dos pinheiros quando verificamos que as bermas dos passeios e os carros ficam cobertos de uma poeira (pólen) de cor amarela. Mas o pólen também apresenta uma paleta de cores variadas que vão desde o branco, laranja, verde, roxo e até mesmo preto.



O grão de pólen é uma estrutura biológica independente de diminutas dimensões (0,002 - 0,200 mm), que se forma na antera e é emitido para a atmosfera para se unir à célula feminina, como parte integrante do ciclo de vida de uma planta, possuindo todas as suas características e potencialidades genéticas.



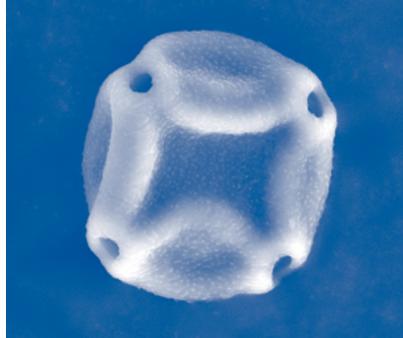
Como tão maravilhosamente a natureza frequentemente nos surpreende quanto à beleza, fascínio, peculiaridade e complexidade da sua essência, também o pólen pode surpreender apresentando morfologias distintas que são obras de arte invisíveis e silenciosas que coabitam no nosso dia a dia.



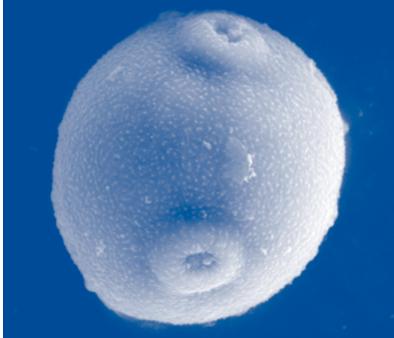
Em observação ao microscópio, o grão de pólen apresenta formas diversas e aerodinâmicas como esférica, oval, triangular, pentagonal. Possui uma parede inerte – a esporoderme, constituída por uma camada mais externa – a exina, constituída por esporopolinina, que lhe confere resistência e proteção contra agentes físicos, químicos e biológicos. Não é por isso de espantar que se encontrem grãos de pólen preservados em paleossolos.



A exina exhibe zonas com aberturas correspondendo a poros e/ou fendas e a sua superfície apresenta variações no padrão de ornamentação, como padrão liso, com estrias, com grânulos, com espinhos ou com perfurações, designando-se respetivamente por padrão psilado, estriado, granuloso, equinado e perfurado.



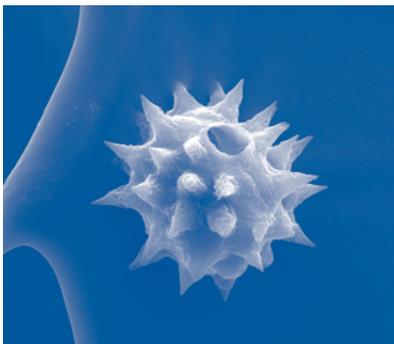
Alnus: 4-5-zonoporado, poligonal e exina microequinada microrregulada



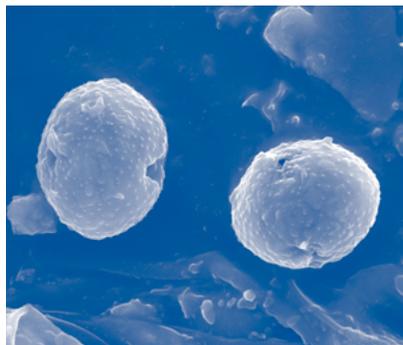
Betula: Triporado, esferoidal e exina microequinada regulada



Briza maxima: Porado com poro em opérculo e exina microequinada



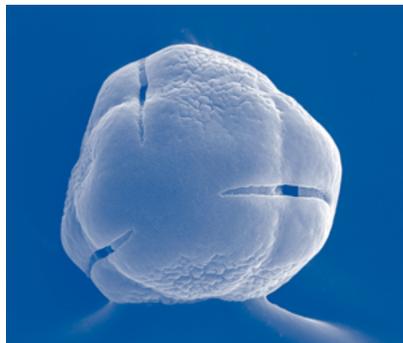
Chrysanthemum sagetum: Trizonocolporado com exina equinada



Corrigiola: Triporado e exina granulada equinada



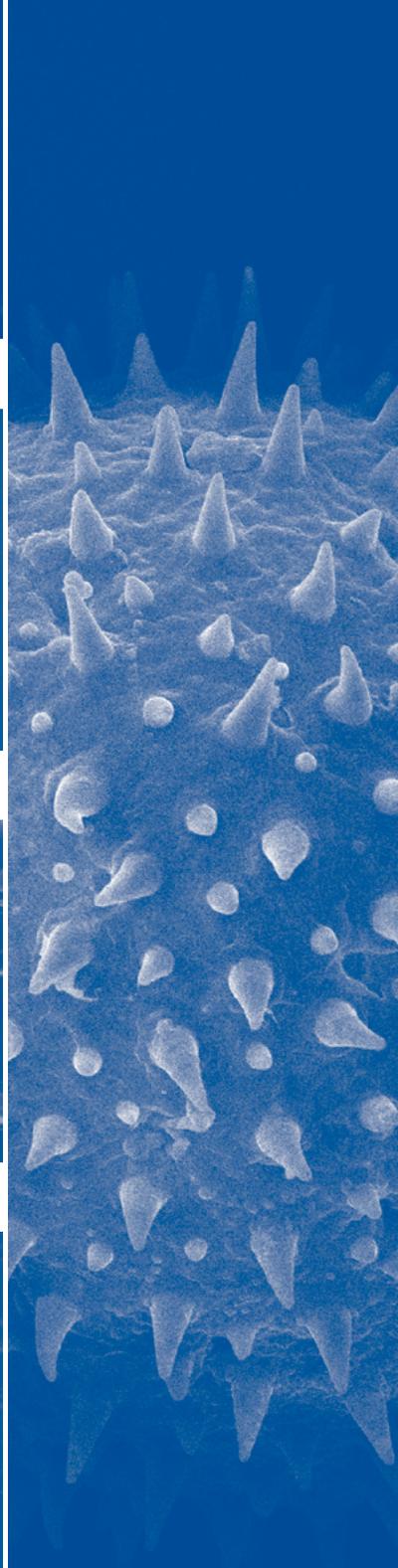
Cyperus: Heteroaperturado e exina perfurada micro-equinada



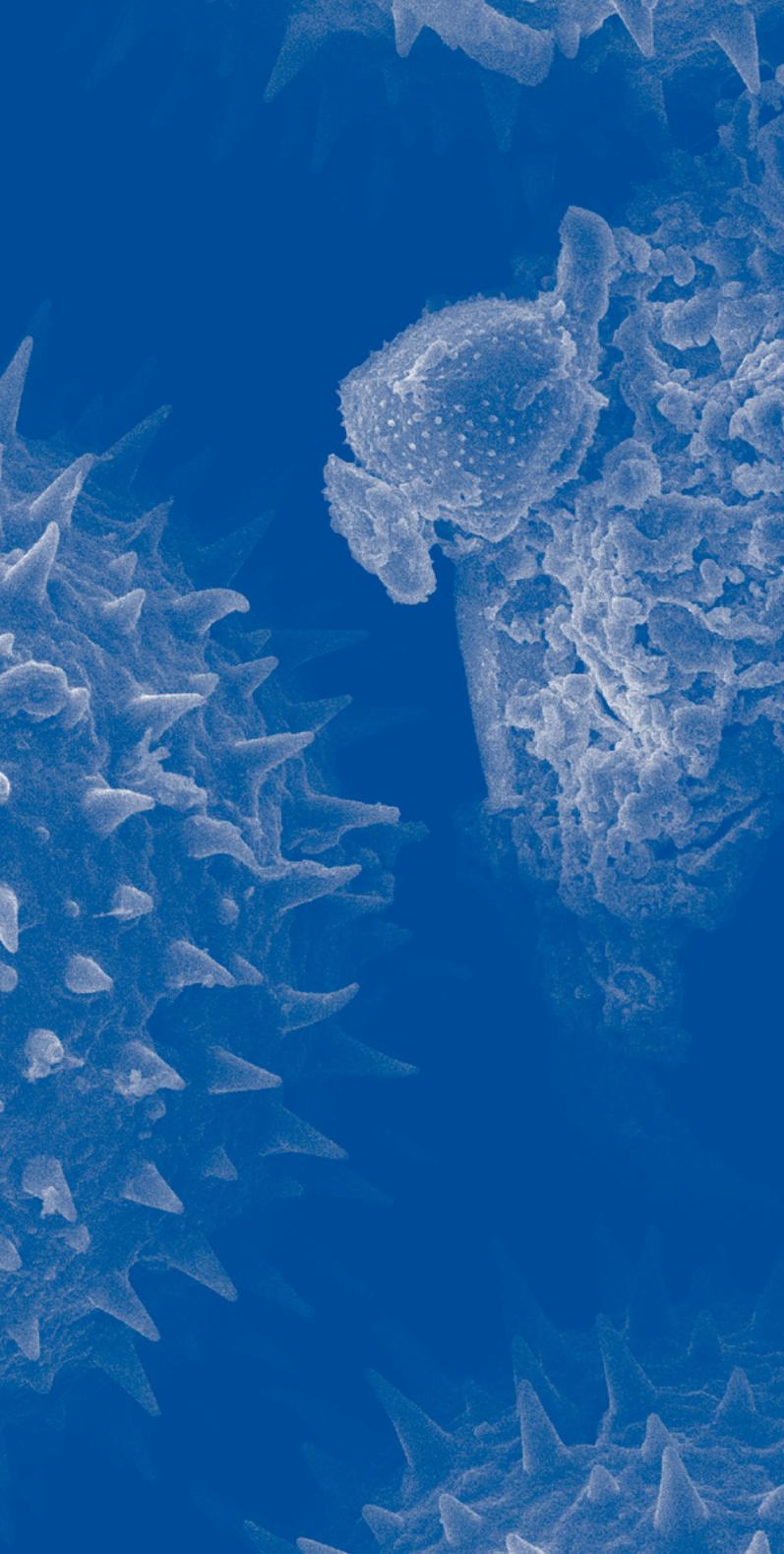
Erica: Tétrada tricolporada e exina microgemada fossulada



Eucalyptus: Triangular tricolporado e exina psilada



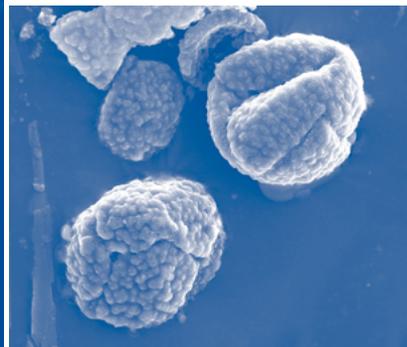
Malva: Pantoporado, esferoidal e exina granulada equinada



Fraxinus: Tricolpado e exina reticulada



Pinus: Bissacado e exina verrucada perfurada



Ranunculus: Tricolpado e exina verrucada micro-equinada



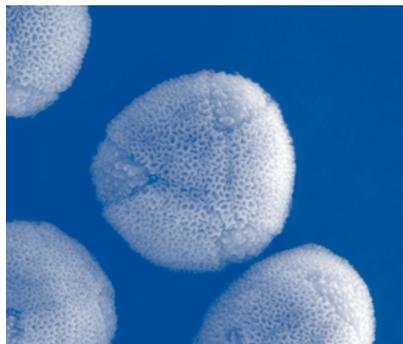
Stellaria: Pantoporado e exina perfurada micro-equinada



Fumaria: Pantoporado e exina verrucada psilada perforada



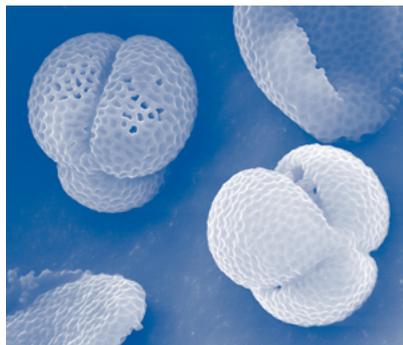
Hypericum: Tricolporado e exina perfurada microrreticulada



Platanus: Tricolporado e exina com reticulado fino e fenda verrucada



Quercus robur: Tricolporado e exina verrucada granulada



Raphanus: Tricolporado e exina reticulada



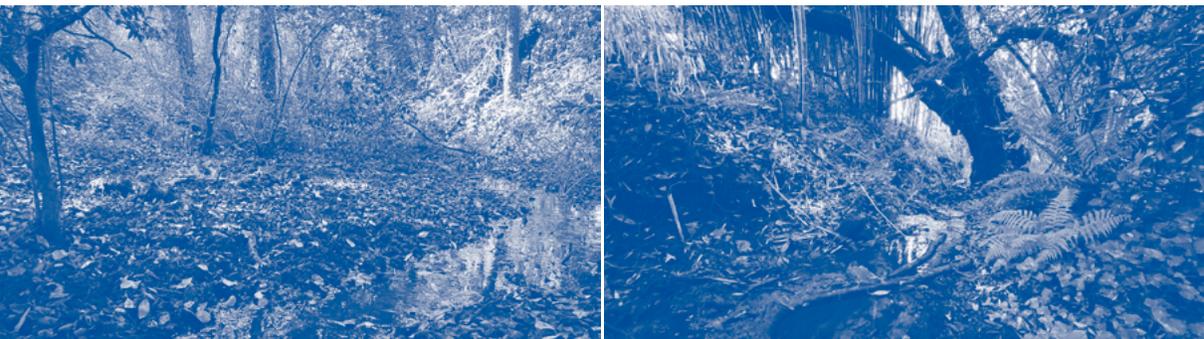
Salix: Tricolporado e exina reticulada, fenda com ornamentação distinta

As inúmeras combinações entre as características morfológicas do pólen (tamanho, forma, estratificação e ornamentação da exina, tipo, número e repartição das aberturas) possibilitam a distinção morfológica e conseqüente identificação da espécie produtora de cada tipo de grão de pólen. Assim, cada espécie tem no seu pólen a impressão “digital” inconfundível!

As plantas existentes no Fojo do Pejão, no âmbito do projeto SHS, foram uma oportunidade extraordinária para esta partilha do nosso mundo palinológico que nos fascina, com uma beleza escondida, imperceptível ao olho humano.



33 No tengo un título para encabezar este exordio a un proyecto recién imaginado. Me rondan inconsistentes pero sugerentes: Prohibido no-pisar, Elogio y refutación de las malas hierbas, El intercambio posible, La hierba en el jardín, Los límites del paraíso. Pienso en las investigaciones que he planteado para el Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade (i2ADS): “Península” conforma un proyecto más amplio con unos límites que son la propia Península Ibérica, “Cartografías de la distancia” quiere dar forma, dibujar el espacio, la superficie, la geografía, el paisaje que nos constituye, donde las distancias no son tanto físicas como emocionales y sensibles a la vida.



Lagoa dos frades (A Bouza)

Rego de Condesa (A Bouza)

Estos últimos meses o quizás desde que surgió Geografía Poética en enero de 2020, las lecturas, encuentros, pensamientos, me están llevando de vuelta al paisaje, al jardín, al paraíso. Siempre he pensado que mi mejor obra tuvo lugar en aquellos años iniciales del 2000. 20 años han transcurrido. Los límites del paraíso se vuelve actual, potencialmente vivo y exigente, todo me lleva a sentir que esta tierra, planeta azul habitado, múltiple y diverso, plural y mixto, es paraíso. Aquí y ahora. Finito, limitado, intenso, excesivo. Por ello, pensar o retornar a pensar en el jardín o en el paraíso con su carga de historia, tradición, simbología, es oportuno y no baladí. Me comprometo como especie habitante y vecina.

Dos premisas: Considero la multiplicidad de los encuentros y la diversidad de los seres como riquezas que se suman al territorio. Tomo partido por las energías capaces de inventar situaciones nuevas.

Cosas viejas como pistas: “la hierba crece en medio”. No empezar ni acabar, continuar. Por el medio, entre, en medio de. Velocidad más sentimiento igual a luz.

Mas, sigo sin tener un título, unas pocas palabras que me faciliten hacer el camino, entrever el destino. Quizás, es pronto.

Racelo (A Lama), martes 16 de agosto de 2022.

34 Querida Susana,
Aquel encuentro fortuito (porque no nos esperábamos ni nos pensábamos) que nos llevó a coincidir espacio-temporalmente, por el cual recibí tu invitación, el compromiso y desafío de participar, colaborar en/con tu proyecto Laboratório F. A revolta das espécies autóctones. Contextualizado en una antigua mina de carbón "o Fojo", Vale de Folgoso, Fregresia de Raiva, Concelho de Castelo de Paiva, muy cerca de un lugar llamado Paraíso... Recuerdo tu voz en el coche, aquel medio día lluvioso de camino a la mina, jugando con las palabras: "com Pedorido e Raiva ao Paraíso" (o algo parecido), porque la mina se ubica entre estos 3 lugares: Raiva, Pedorido y Paraíso.

Voces se quedaron resonando en mi cabeza: paraíso, monte, escorial, paisaje, árboles, vegetación, agua, río, ranas, aire, sonidos, caminos, senderos, piedras, fósiles, tiempo. No sé nada de minas. ¿Cómo preparar un trabajo para ese contexto? ¿En dos meses? Laboratório Ficcional, ¿qué hay de ficción, de invención, en un proyecto en contexto con seres vivos? ¿Cómo entro, por dónde me vuelo? Repaso mis trabajos anteriores donde la idea de naturaleza o paisaje es: Huertopoema, Poéticas de resistencia, Ínsulas extrañas, entre otros. Leo sobre ecología, ecofeminismos, simbiogénesis, ética animal, rewriting; sobre el paisaje y el jardín, vuelvo al Manifiesto del Tercer paisaje de Gilles Clément, a Rizoma de Deleuze-Guattari, Líneas de Ingold... Estoy perdida - como el paraíso.

Me he pasado el verano en casa, na Bouza, en Mourente, trabajando la intuición con la familia humana y animal, con el paisaje montuno, asalvajado, desordenado (¿cuánto de idéntico tienen el paisaje portugués y el gallego! Una geografía contigua, abrazada de península), y el campo abandonado entre la sequía y la dejadez. He caminado y paseado entre los lugares reconocidos, familiares, a veces triste del estado en el que se encuentran, otras feliz de ver cuánta vida hay. Sintiendo de otra manera las conexiones que nos conectan con el entorno, con los seres que nos rodean; no estamos solas, somos con los demás, con el otro, sea humedad, avispa, perro, pájaro, hierba

o polvo. De ahí que la otredad, los límites, la resistencia, el paraíso, se confabulen en este momento de mi vida para crear, recrear más bien, un lugar donde cohabiten la vida y el arte. La historia humana siempre ha proyectado esta imagen en forma de jardín. Y ha soñado paraísos. Mas no hay otro paraíso que esta tierra que nos permite respirar y alimentarnos, además de compartir o intercambiar experiencias y conocimientos.

Mi forma de vida, condicionada por el trabajo, el remunerado como profesora universitaria, no me facilita un asentamiento único: mi lugar de trabajo está en Teruel, pero he vivido en Valencia hasta hace 6 meses, y ahora resido y trabajo entre Oporto y Pontevedra; los desplazamientos entre las ciudades, los territorios, del oeste al este de la Península Ibérica y viceversa, del Mediterráneo al Atlántico, me plantean las distancias y los límites como espacios abiertos y elásticos, solo en los mapas hay rayas, líneas que marcan "esto es la provincia de Pontevedra, hasta aquí llega la frontera con Portugal", por esto el proyecto de investigación para el i2ADS se llama Península, para borrar los límites y ensayar una tierra continua. Cuando conduces o caminas el imaginario de los mapas se esfuma entre prados, pueblos, bosques y playas, la única línea que nos condiciona es el horizonte. Así continuó la búsqueda del lugar, el sentimiento de pertenencia a un sitio, siento que este sitio es A Bouza, está en Mourente, donde el horizonte me abraza.

¿Cuál ha sido la llave que me ha facilitado conectar y establecer correspondencia con tu Laboratorio F? El subtítulo, A revolta das espécies autóctones. ¿Por qué defender lo autóctono, lo nacido aquí y erradicar las extranjeras, invasoras, las migrantes? ¿Qué o quién determina que esta es de aquí y esa o aquella no merece estar? ¿Cómo podemos poner fronteras entre especies, si los mismos humanos saltamos de continente en continente, movemos y removemos todo lo que hay a nuestro alcance? ¿Cuánto tiempo necesitaríamos para decidir que esta especie es de aquí? ¿Qué es la biodiversidad sino esta mixtura de especies que solo quiere vivir?

35 Así he tomado partido por la deriva vegetal de lo alóctono. Dada la cercanía y semejanza de ambos paisajes, el portugués y el gallego, traslado mi investigación a mi contexto nativo, autóctono, para contar lo que nos une y reúne, lo que de extranjeras tenemos.

Lo que sigue son meros apuntes e imágenes que he tomado en este final del verano, tan solo unos fragmentos desordenados para poner sobre la mesa el trabajo que me propongo: hacer

un jardín, respetando las especies autóctonas y alógenas que se han ido incorporando y cohabitan en este pequeño ecosistema que es A Bouza dentro del jardín planetario.

Gracias Susana por darme a pensar este proyecto.

Porto, jueves 8 de septiembre de 2022.



Monte Xanín (A Bouza, Mourente)



O Covelo grande e a Veiga da porta (A Bouza)

En los últimos 15 años, A Bouza ha visto transformado su entorno. Los terrenos, las fincas, se han dejado de trabajar, de cuidar. Han sido abandonados. Apenas quedan personas que miren por la tierra. Ya no hay ovejas ni vacas que mantengan las praderas limpias. Ya no se corta la hierba ni se limpian caminos ni cunetas. Ya no corre el agua de riego por las acequias. Los caminos de piedra se deshacen, los muros se caen. Las lindes ya no son líneas, bordes, sino franjas espesas de “maleza”, no se sabe dónde acaba una finca y empieza la otra. Los mojones han sido tragados. Sin embargo, algunas vecinas y vecinos sí mantienen cada año,

después del verano, los terrenos: en el mejor de los casos, los siegan, cortan las “malas hierbas”; en otros, es un tractor con cadenas el que destroza, rompe la superficie del suelo. Así anualmente podemos observar como la vegetación silvestre se va haciendo con el terreno, poblando los suelos. Haciéndose más fuerte y resistente. Un manto herbáceo denso, plural y diverso, difícil de franquear sino imposible; su configuración florística no es definitiva, es dinámica, móvil. La maleza de colonización surge violenta y vivaz, compuesta por matorrales espinosos como pradera “armada”. Observo como en zonas la superficie de la pradera disminuye en beneficio de los matorrales, que protegen pequeños árboles (predominantemente, robinias y robles), que con la siega o desbroce desaparecen de la superficie visible del suelo, a la espera de los días, el agua y la luz para rebrotar más fuertes, reclamando su pertenencia a este lugar.

Una pista acerca del lugar del que hablo, quizás para comprender la naturaleza de su biotopo, la encuentro en el significado del topónimo ‘bou-

za’, en gallego tenemos hasta tres de no inculto poblado de maleza, tojos especies arbustivas como, pinos, casta robinias). Una segunda es ‘terra chá’,

que está a mo sa. La tercera él como un t antes fue mon ganó para cul de rozas, quer labores. De he el verbo bouz ‘cortar maleza



O Mato visto desde o Covelo grande

A Bouza, o Lugar da Bouza, como me que pertenece a la Parroquia de Santo del Ayuntamiento de Pontevedra. Ap dantes. Una carretera estrecha bord

y divide a un otro los terr distintas bif que llevan a l de labrio ba monte Xanín gar donde he donde vuelvo que reconozc me reconozco



O Covelo grande. 30.8.2022

Está en una cota de 145 metros sobre costados se contempla la ría de Ponte y al fondo el Atlántico. Con una orog

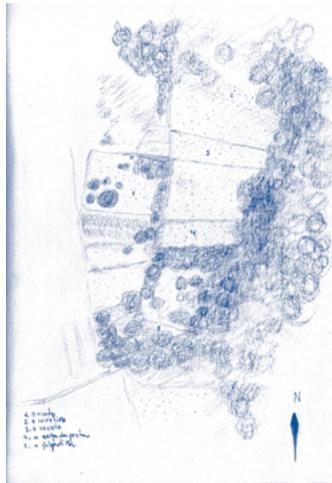
curvos, altos y sas y huertas vegetación ric todo el año g clima húmedo do (aunque y que esto tan cambiando). E soleado. Tran donde han id



A Veiga da porta. 30.08.2022

reciendo bosque y fauna. Y de cuya tenemos memoria. El sonido de la c sopla del sur. Hay un corredor aéreo s Peinador, Vigo. Nos rodea un bosque pinos, robles, humeros, robinias, laur

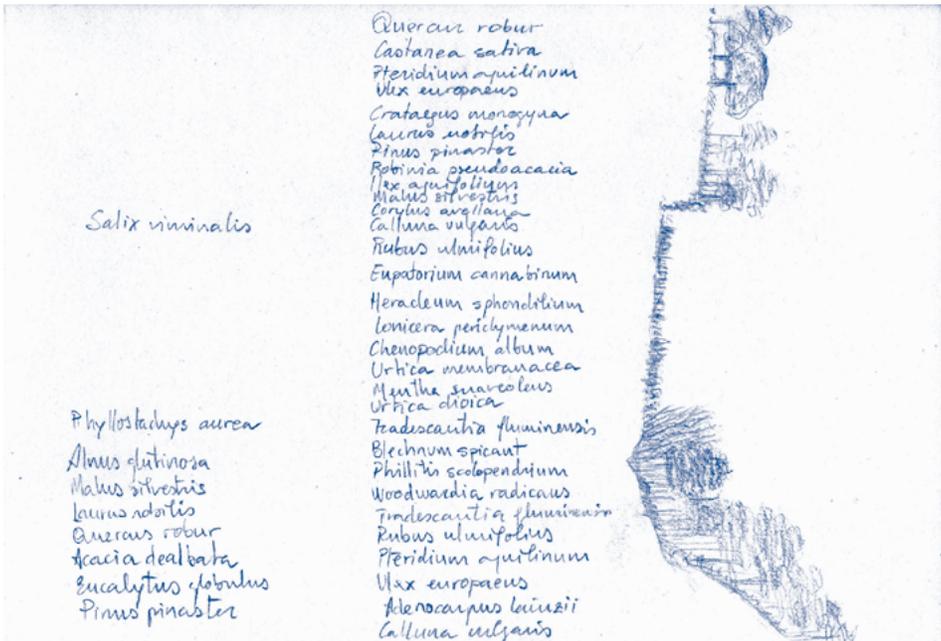
38 Si un suelo baldío es un suelo no cultivado, o que, de forma temporal, ha dejado de estarlo, pero que podría cultivarse, además, es esencialmente dinámico: esta conjunción de lo baldío y la bouza me posibilita el movimiento para imaginar este lugar como jardín contando con sus ritmos, habitantes, intercambios, multiplicidades e intensidades. Si sigo atendiendo a Gilles Clément, “un suelo baldío sí pertenece a la escala de tiempo de un jardín. Su desarrollo natural implica que evolucione entre tres y catorce años desde que se deja en estado de abandono. Pero este proceso se puede acelerar y es posible llevar el suelo baldío a su riqueza florística más interesante de forma casi inmediata, del mismo modo



que se crea un jardín” (Clément, 2012, p. 27). A Bouza, más concretamente, las fincas en las que proyecto ensayar este jardín, están en estado de abandono al menos desde hace 4 años. Por lo tanto, este suelo baldío está dotado de todos los estratos vegetales, en particular de estratos herbáceos, los cuales aparecen y desaparecen en poco tiempo, en el intercambio de las anuales y las bienales... “Basta con administrar estos tiempos para retrasar el clímax...”

Necesito ayuda. Esto empieza a ser un jardín teórico. *Work in progress.*

La ficción la encontramos en esta franja ancha que llamamos biosfera donde distintas especies se dedican a inventar.



Aprendiendo a nombrar, por un vocabulario del jardín. Me he propuesto aprender sus nombres, al menos los comunes, saber cómo se llaman para identificarlas. Para dirigirme a ellas. Conocer sus necesidades, sus orígenes, si son de aquí o de allá. Se trata de un acercamiento a la flora que habita en A Bouza, no son todas las que están ni, probablemente, están las que son.

Referencias

Clément, G. (2012). *El jardín en movimiento*. Editorial Gustavo Gili.